

# A fragilidade da ditadura

RAUL PILLA

**I**RRROMPEU, para logo ser debelada, uma rebelião militar na República Argentina. E, segundo prometeu Perón, serão sem delongas executados os seus responsáveis.

Está-se sem saber, ao certo, se o levante foi espontâneo, ou provocado pela própria ditadura imperante na República Argentina, de acôrdo com conhecida técnica do despotismo. Mas, de uma forma, ou de outra, é um sintoma alentador que o levante se tenha produzido. Demonstra ser o da fôrça o mais frágil de todos os regimes políticos, pois à fôrça é sempre possível dar direção diferente, senão contraditória. Se a rebelião foi espontânea, significará que a nação argentina, a começar por suas classes armadas, já está saturada de ditadura; se foi astutamente provocada pelo govêrno, significará que a ditadura se está sentindo débil e precisa lançar mão de tais recursos para se fortalecer. Não há como fugir ao dilema. O peronismo acaba de demonstrar ao mundo a sua congênita fraqueza.

Demonstra ainda, o exemplo, como os governos militares acabam sempre sendo ruinosos para as próprias classes armadas. Dividí-las, desorganizá-las, destruí-las, é um dos seus mais constantes efeitos. Sòmente um govêrno livre e civil lhes pode preservar a unidade, pois as deixa entregues à sua função normal e específica, que é a defesa nacional.

Com isto não se quer, evidentemente, excluir do govêrno o militar, desde que a êle ascenda como cidadão, e não como militar; nem se pretende condenar, nos países latino-americanos, a acidental intervenção das classes armadas na vida política. Padecem tais povos uma diátese, que não raro reclama semelhantes recursos. Mas, feita a intervenção, devem os militares regressar aos seus quartéis, como faz o cirurgião depois de realizada a operação que as circunstâncias reclamavam.